

Hegemonia, Contra-Hegemonia e a Folkcomunicação como Chave de Leitura para o Universo Gambiarra¹

Andriolli B. Costa²

Universidade do Estado do Rio de Janeiro – UERJ

Resumo

Ao construir o diálogo entre as heurística da epistemologia da gambiarra e da folkcomunicação, este trabalho busca iluminar a teoria brasileira como um suporte valioso para a compreensão das estratégias contra-hegemônicas das classes populares. Para isso, elege como empírico de sua análise-teste o média-metragem *Gambiarra: O HD de Espadas* (2019) – produção independente, de inspiração cyberpunk que imagina um Rio de Janeiro distópico, em que as classes subalternas encontram na relação comunicativa entre os meios e a tecnologia estratégias para ser, estar, agir e reagir em um mundo dominado pelo tecnopólio. Neste percurso, pretende-se avançar a própria teoria folkcomunicacional, tensionando-a a partir dos formatos de comunicação popular contemporâneos apresentados no filme: o hackativismo, o fórum anônimo e as teorias da conspiração.

Palavra-chave: folkcomunicação, epistemologia da gambiarra, cyberpunk

Este trabalho se propõe a encontrar na teoria brasileira da folkcomunicação a chave de leitura para direcionar a análise crítica da narrativa de uma obra integrante do, assim chamado, “Universo Gambiarra”. Trata-se de uma iniciativa multimidiática – e, como argumentaremos, folkmidiática – que oferece uma releitura cyberpunk da cidade do Rio de Janeiro. Criado em 2019 por Gustavo Colombo e Erik Hewitt, o projeto teve como obra seminal o média-metragem *Gambiarra: O HD de Espadas*, lançado diretamente no YouTube pela produtora Cinema Petisco.

Inspirada na estética futurista dos anos 1980, o Universo Gambiarra é atravessado por um cinismo bem-humorado que, em seu escalonamento criativo dos problemas, constrói uma intertextualidade com o Brasil contemporâneo que se prova cada vez mais flagrante. Neste mundo, a vitória do capitalismo tardio e a instalação do imaginário do tecnopólio evidenciaram ainda mais a desigualdade social brasileira, com grupos hegemônicos exercendo profunda dominância política, cultural e simbólica sob os grupos subalternizados. No entanto, esta dominância nunca se dá de maneira absoluta. Como os

¹ Trabalho apresentado no GP Folkcomunicação do 25º Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do 48º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Doutor em Comunicação e Informação (UFRGS), Mestre em Jornalismo (UFSC), com pós-doutorado em Crítica Cultural (UNEB). Professor adjunto da FCS/UERJ. Contato: andriolli.costa@uerj.br

próprios autores refletem: “A forma para que os marginalizados e excluídos possam conseguir sua parte no bolo, quase nunca ideal, limpa, correta ou precisa, é justamente a ‘gambiarra’, o jeitinho aplicado à tecnologia” (Mares, 2023, p. 8).

Ao lançar os olhos para a gambiarra como estratégia de resistência das classes populares, encontramos dois vínculos teóricos inegáveis, porém ainda pouco explorados em conjunto. O primeiro é a *epistemologia da gambiarra*. Messias e Mussa defendem que seria importante deslocar gambiarra da lógica da precariedade, feito estrutura incompleta, para ser compreendida como uma forma de conhecimento que se articula a nível técnico, estético, cognitivo, político e socioeconômico.

A gambiarra como mediação não consiste em uma forma de resistência exclusiva de um lugar precário – como se um ou mais sujeitos estivessem superando condições adversas para alcançar um patamar de produção técnica mais elevado. É, na realidade, uma cosmotécnica decolonial (Mignolo, 2011) que emerge *a partir* da precariedade (Messias, Mussa, 2020, p. 184) [grifo nosso].

O segundo vínculo é, obviamente, a folkcomunicação. Fundada e apregoada pelo jornalista e pesquisador pernambucano Luiz Beltrão nos anos 1960, a teoria carrega em seu bojo vínculos epistemológicos fundamentais entre os campos da comunicação e da folclorística dialética (Costa, 2021). A *folk* deriva dos trabalhos de Edison Carneiro, que a partir de uma influência gramsciana encontrava no folclore os modos de sentir, pensar, agir e reagir das classes populares. De uma perspectiva contra-hegemônica, este conjunto de práticas culturais se consolidava como espaço de contestação, comentário e tribuna do povo, carregando o gérmen da transformação social. Beltrão, desta maneira, inspira-se para pensar a folkcomunicação como as estratégias comunicacionais dos grupos subalternizados, uma vez que estão alijados – à margem – dos processos hegemônicos de produzir, circular e distribuir informação. Percebemos, desta maneira, que também a folkcomunicação não deve ser pensada como sinônimo de precariedade, ou enquanto arremedo de um formato comunicativo hegemônico, mas como processo de comunicação popular que emerge *a partir* da precariedade.

Deste diálogo, que se estende ainda para a questão da decolonização de formatos e formas de conhecimento (Quijano, 2007), encontramos na análise da obra espaço para avançar a própria teoria beltraniana. Se Marques de Melo (2013) apontava boato, fofoca e rumor como formatos da folkcomunicação oral, podemos reconhecer as teorias da

conspiração como estratégias contra-hegemônicas? Se a carta anônima é folk, não seriam também os posts anônimos nos fóruns da resistência acessados pelo protagonista do filme? São reflexões que nos exigem uma demarcação bem clara sobre o que é e o que não é folkcomunicação e suas derivações midiáticas.

Referências

BELTRÃO, Luiz. O Ex-Voto como Veículo Jornalístico. In: MELO, J. M.; FERNANDES, G. M. **Metamorfose da Folkcomunicação**. São Paulo: Editae, 2013. p. 229-234.

COSTA, Andriolli. Folkcomunicação: Vínculos epistemológicos fundamentais entre comunicação e folclore. **RIF**, v. 21, n. 47, 2023. p. 170-191

GAMBIARRA: **O HD de Espadas**. Direção de Gustavo Colombo e Frederico Cardoso. Rio de Janeiro: Tijuca Filmes, 2019. Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=71vBCE7eh00>. Acesso em 20 jun. 2025.

MESSIAS, José; MUSSA, Ivan. Por uma epistemologia da gambiarra: invenção, complexidade e paradoxo nos objetos técnicos digitais. **Matrizes**. v. 14, n. 1. jan/abr, 2020. p. 173-192

MELO, José Marques. Taxionomia da Folkcomunicação. In: MELO, J. M.; FERNANDES, G. M. **Metamorfose da Folkcomunicação**. São Paulo: Editae, 2013. p. 1022-1026.

MARES, Bruno et. al. **Gambiarra RPG: Jogo Rápido**. Rio de Janeiro: Tria Editora, 2023.

QUIJANO, Aníbal. Colonialidad del poder y clasificación social. In: CASTRO-GÓMEZ, S.; GROSFUGUEL, R. (orgs.) **El giro decolonial: reflexiones para una diversidad epistémica mas allá del capitalismo global**. Bogotá: Siglo del Hombre, 2007. P. 342-388.